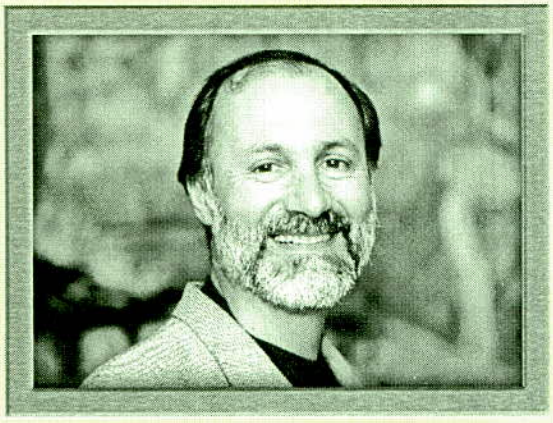
Esperar para ver

Muito embora a nova política cambial favoreça a agricultura, crédito e custos ainda preocupam



Cesar Borges de Souza
Diretor do Grupo Caramuru

"A mobilidade do capital financeiro internacional no mercado globalizado amplia rapidamente os reflexos das crises econômicas, criando uma espécie de efeito dominó que afeta profundamente economias emergentes e dependentes de capital externo, como o Brasil.

O país foi eleito a bola da vez e teve que recorrer à ajuda financeira do Fundo Monetário Internacional e de alguns países. O governo implementa um conjunto de medidas de austeridade fiscal para controlar o déficit público, recorrendo inclusive a aumentos na já elevada carga tributária. Mas sem dúvida alguma o mais relevante para o agribusiness nacional foi a mudança da política cambial.

A livre flutuação da taxa de câmbio trouxe no curto prazo incertezas para os agentes econômicos. O mercado ainda está muito volátil, trabalha em nível mais elevado do que seria de esperar de um patamar de estabilização da moeda compatível com os fundamentos atuais da economia brasileira. Espera-se que tal comportamento, que dificulta o estabelecimento de custos e preços de venda dos produtos, não vá além de um curto período de transição.

A nova política cambial é favorável à agricultura em geral. Produtos que são costumeiramente exportados ou importados serão os mais beneficiados. Os sojicultores, por exemplo, já estão auferindo preços mais elevados em reais, aumentando a sua rentabilidade, mesmo considerando a elevação do custo em reais de alguns insumos importados. Entretanto, contrariando as expectativs iniciais, os custos portuários não sofreram redução do valor em dólar e algumas concessionárias ferroviárias estão dando sinais de manter o mesmo frete em dólar, apesar de seus custos não serem dolarizados. Mesmo assim, o impacto do mercado cambial livre é positivo, e antecipa-se novo recorde de plantio e de exportações na próxima temporada.

No milho ocorrerá o encarecimento do produto importado em relação ao milho produzido localmente. Desta forma diminuirão as importações de grãos da Argentina e Paraguai, abrindo espaço para que a produção interna volte a crescer. As exportações de carnes de frango e suíno tenderão a aumentar, estimulando a demanda de milho.

Entretanto, nem tudo são flores. A crise de credibilidade da economia brasileira resultou no corte das linhas internacionais de crédito utilizadas tradicionalmente na comercialização de soja e derivados. Adiantamentos de Contrato de Câmbio (ACC) e pré-pagamentos se tornaram escassos e caros. Fontes do mercado financeiro estimam que somente 30% dos créditos internacionais estão sendo renovados.

Desde 1997 a indústria processadora de soja é punida por uma carga tributária mais elevada do que a aplicada à exportação de matéria-prima e à indústria dos países concorrentes. A escassez de créditos a taxas internacionais para carregamento de estoques forçará o Brasil a vender tudo de uma vez, derrubando os preços, e incentivará ainda mais a exportação de soja em grão, em detrimento do óleo e farelo de soja, provocando perdas de emprego e redução no valor das exportações do Brasil. É necessária e urgente a implementação de linhas especiais de crédito do BNDES ou a criação de uma instituição financeira especializada, tipo Eximbank, para financiar as exportações brasileiras de produtos industrializados com agilidade a taxas internacionais, como ocorre em outros países.

A atual política cambial é realista e o agribusiness, agora mais competitivo, saberá aproveitar a oportunidade e contribuir ainda mais para a geração de saldos positivos na balança comercial."